

PARADOXOS EMERGENTES DA RURALIDADE

Valéria Andreatta Whitaker¹
Marinaldo Fernando de Souza²
Dulce Consuelo Andreatta Whitaker³

Resumo: Discutem-se aqui paradoxos de novas e velhas ruralidades no Brasil, a partir de recentes pesquisas transdisciplinares que se inspiram em Teorias da Complexidade. Parte-se de uma tipologia sobre o espaço rural organizada por Dulce Whitaker, para demonstrar que, apesar do caráter heurístico dessa sistemática weberiana, é impossível submeter a ela toda a imensa diversidade das singularidades que surgem das redes complexas do campo brasileiro. Para ilustrar esse argumento, usamos das singularidades expressivas recentemente investigadas: o caso de Penedo, um distrito rural do estado do Rio de Janeiro, no qual Valéria Whitaker analisa as características ecológicas e paisagísticas que atraíram finlandeses na primeira metade do século XX, o que deu ao seu entorno uma interpenetração dialética entre o rural e o urbano; e o caso da Fazenda da Toca entre São Carlos e Itirapina (SP), investigados em tese de doutorado por Marinaldo F. de Souza – um fenômeno inesperado já que, em plena dominação espacial do agronegócio, surgem agroecologia e formas alternativas de educação escolar, impulsionadas por pessoas ligadas ao industrialismo e que ainda assim se inspiram em Paulo Freire e convidam Fritjof Capra para palestras e orientação.

Palavras-chave: Novo Rural; Paradoxos do Rural; Singularidades Rurais

¹Doutora em Ecologia, pesquisadora ligada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente / UNIARA, bolsista Funadesp.

²Psicólogo Social, Mestre e Doutor em Educação pela UNESP/FCLAr.

³Doutora em Sociologia, Pesquisadora do Programa de Pós-graduação em Educação da UNESP em Araraquara e do Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente/UNIARA.

Abstract: We discuss here paradoxes of new and old ruralities in Brazil, from recent transdisciplinary research that are inspired by theories of complexity. This is based on a typology for rural areas organized by Dulce Whitaker, to demonstrate that, despite the heuristic character of this systematic Weberian, it is impossible to submit to it the immense diversity of the singularities that arise from the complex networks of the Brazilian countryside. To illustrate this point, we use the recently investigated expressive singularities: the case of Penedo, a rural district in the state of Rio de Janeiro, in which Valéria Whitaker analyzes the ecological and landscape features that attracted Finns in the first half of the twentieth century, which gave to its surroundings a dialectical interpenetration between rural and urban; and the case of Farm of Toca between São Carlos and Itirapina (SP), investigated in a doctoral thesis by Marinaldo F. de Souza - an unexpected phenomenon since, in spatial domination of agribusiness, agroecology arise and alternative forms of education, managed by people linked to industrialism but inspired by Paulo Freire and invite Fritjof Capra for lectures and guidance.

Keywords: New Rural; Rural Paradoxal; Rural Singularities

Introdução e Campo Teórico

As nossas pesquisas no campo vêm trabalhando com a ideia de relacionar as transformações que ocorrem no meio ambiente, com a trajetória cultural e histórica das regiões em questão.

A compreensão do meio ambiente, a partir de uma perspectiva sócio cultural, nesse caso, se dá através da observação dessas transformações no espaço e no tempo. Essa observação tem mostrado a emergência de alguns paradoxos em conceitos teóricos da Sociologia, que também podem ser analisados através da Ecologia, os quais estamos tentando explicar sob a luz da Nova Ciência. Este texto é uma tentativa de abordar dois casos – um no estado do Rio de Janeiro e outro no estado de São Paulo – a partir de tais concepções, desvendando os paradoxos emergentes nas duas situações. São eles, o distrito rural de Penedo, pertencente ao município de Itatiaia, e dois eventos entre os municípios de Itirapina e São Carlos, na região agrícola mais rica do estado de São Paulo.

Por que exatamente essas duas situações? A explicação virá no desenrolar da análise, mas já devemos adiantar que, no caso de Penedo estamos diante de uma singularidade – ou seja algo inédito do ponto de vista dos Estudos Rurais no Brasil. Já no caso de São Carlos, descobrimos um paradoxo: em região dominada pelo grande capital, surgem alternativas que o contradizem de forma bastante intensa. Foi estudando essas contradições em sua Tese de doutorado que Marinaldo F. de Souza criou o conceito de rural paradoxal, que passamos a utilizar em nossa equipe (SOUZA, 2016).

Segundo Dulce Whitaker (em anexo), do ponto de vista da Sociologia contemporânea, não se pode mais separar o rural do urbano. Entretanto, há uma tradição da Sociologia, desde Max Weber, que tipifica o urbano como espaço fortemente marcado pela prestação de serviços complexos (religiosos, médicos, escolares,) como um tecido denso de relações formadas por essas funções historicamente urbanas. No Brasil comete-se o equívoco de considerar urbano qualquer aglomerado humano de traçados retilíneos que o diferencie das moradias espalhadas na paisagem, as quais caracterizam a zona rural. Usando como referência o livro *Cidades Imaginárias* de José Eli da Veiga, o qual aponta esses equívocos e constrói indicadores firmes para caracterizar o que é especificamente urbano (mínimo de população, densidade demográfica, pressão antrópica) Dulce Whitaker, ao aplicar tais indicadores afirma que Penedo não seria urbano no sentido técnico e típico do conceito.

Impossível situar, no curto espaço de um artigo, as diferentes teorias que se formaram para explicar os contrapontos entre o rural e o urbano. Desde a lógica cartesiana clássica, que procurou diferenciar os dois espaços anotando-lhes as características mais evidentes – quase um senso comum acadêmico – passando pelas ideias do *continuum* (mais rural – menos rural – quase urbano, etc.) até as teorias recentes da pós-modernidade que observam redes e conexões complexas em espaços multideterminados, ora territorializados, ora reivindicados como rurais, ora como urbanos, estamos sempre diante de um fenômeno que resiste à nossa tentativa de compreensão⁴. Tais dificuldades decorrem do fato aparentemente simples (porque naturalizados) de que o capitalismo unificou esses espaços, tal como apontado pela Sociologia Rural – no caso brasileiro – já desde os anos de 1970. É fato que o sistema econômico fundiu o rural e o urbano, embaralhando suas características, o que lhe permite melhor explorar os atores sociais mais

⁴ Para a ideia da resistência de objeto à nossa compreensão, veja por exemplo Adorno (1966).

vulneráveis que nele transitam. No entanto, essa “fusão” que pode ser lida principalmente na desoladora paisagem das *plantations* de cana ou soja, não significou eliminar diferenças entre esses espaços e só fez acentuar desigualdades, em processos que se relacionam mais com desurbanização e desruralização, a partir da destruição da natureza (WHITAKER, 1984).

É preciso levar em conta, então, que de alguma forma o rural resiste. E resiste, não só porque atores sociais teimam em continuar camponeses e um grande contingente humano volta a ser camponês. Este espaço resiste, enquanto rural, porque é o espaço da alimentação, não só da humanidade, como do próprio planeta.

Para os fins deste artigo, não precisamos provar que o rural resiste ao agronegócio. Isto se torna evidente quando observamos o movimento de luta pela terra. Para tais fins, precisamos utilizar uma forma rápida de provar a sobrevivência e a força do rural no Brasil e a partir daí situar a singularidade de Penedo e das outras situações pesquisadas.

Para tanto, usaremos os artifícios de uma tipologia construída por Whitaker, (2009), com a qual tentaremos medir os paradoxos característicos dos rurais aqui apresentados.

Com efeito, Whitaker, reconhecendo embora os perigos reducionistas de qualquer tipologia, inspirou-se em Max Weber (1969) e utilizou sua experiência sociológica de várias décadas para a construção de três tipos ideais que conseguem expressar a variedade de rurais por ela pesquisados. Isso lhe permitiu, em seus procedimentos analíticos, estabelecer diferenças, não só entre as idades da vida na contraposição entre espaços rurais e urbanos (WHITAKER, 2009), eliminando as franjas nas quais se confundem (WHITAKER, 1984), como lhe permitiu observar as diferenças na organização do espaço entre os três tipos considerados.

Tais diferenças são então analisadas em dois níveis. No primeiro deles, observa-se o contraponto entre o rural e o urbano analisando-se as interações entre os atores sociais que ocupam esses espaços. Esse procedimento permite perceber que as relações sociais são – nos espaços rurais – predominantemente intermediadas pela natureza, enquanto nos espaços urbanos elas são primordialmente intermediadas pelo dinheiro, com um maior grau de reificação.

Mas é o segundo nível de interação que interessa ao nosso tema. Nele se dá a comparação entre diferentes tipos de rural, o que passamos a reunir, de forma panorâmica. Para Dulce Whitaker (2009), podemos agrupar os

espaços rurais como segue:

- o **rural tradicional**, carregado de historicidade, apesar da gama de preconceitos que acompanha essa historicidade, - o rural das hortas e pomares, da policultura e da vida bucólica, disperso pela paisagem, caracterizado pela resistência e por formas importantes de sociabilidade marcadas pela cooperação e pela hospitalidade;

- o **rural da contemporaneidade** é o rural da luta pela Reforma Agrária, cujos assentamentos, com seus novos atores e novos espaços, representam a volta ao rural e a sua territorialização em contraposição à hegemonia do latifúndio;

- o **rural esquecido** está representado pela variedade e diversidade dos quilombos, negados pela História Oficial e que no entanto ressurgem por toda parte (FIAMENGUE, WHITAKER, 2014), - rural não necessita territorialização, já que para seus atores sociais o que se reivindica é o reconhecimento dos territórios que habitam há séculos e sua integração à sociedade nacional, integração que deve levar em conta seus modos de vida e as soluções construídas por eles através da História.⁵

Como iremos ponderar, o espaço de Penedo, aqui analisado, não se explica, nem pelas teorias clássicas que tentam explicar o rural e o urbano em contraponto e nem mesmo pela tipologia que adotamos.

O espaço de Penedo é uma singularidade. Suas casas, originalmente dispersas na paisagem, acabaram se aglutinando em formas inovadoras e sua conservação da natureza acaba sendo ainda mais intensa do que a dos rurais típicos, em parte pela conformação geográfica, em parte pela originalidade de uma História muito específica.

Os estudos rurais apresentam hoje uma nova categoria de rural – o **Novo Rural** – ao qual talvez pudéssemos ajustar nosso objeto. Cumpre lembrar aqui que, contrariamente ao que pensa o senso comum, o novo rural não é o rural do agronegócio já que este apresenta de “novo” apenas a tecnologia. Nada é mais velho no Brasil do que o latifúndio associado à monocultura – ou seja, a *plantation* dos grandes cultivos (WHITAKER, 1984). O novo rural, tal como equacionado por Graziano da Silva e Hoffmann (2001), é no Brasil, um fenômeno novo em termos de rural. O novo rural não é exatamente agrícola, podendo abrigar atividades que seriam tipicamente

⁵ Tal como os grupos indígenas, que não estão considerados aqui porque conceitos de rural X urbano não lhes diz respeito, os quilombolas podem ser considerados guardiões da natureza, e suas práticas devem ser levadas em conta.

urbanas e representar apenas a volta à vida em contato com a natureza como opção multideterminada.

O rural de Penedo não é portanto manifestação de um novo rural. É um modo de vida enraizado no passado e que evoluiu para um modelo inesperado em termos de Brasil. Desse ponto de vista, merece estudo pelas possibilidades que apresenta – um modelo singular, com sugestões para um futuro em que se tente enfrentar os problemas ambientais que se anunciam.

Penedo como novo paradigma para o rural

Penedo é distrito rural e assim denominá-lo significa justamente criar um modelo - um novo paradigma de rural para o país, um rural já bastante beneficiado por equipamentos da cidadania (correio, escola, água encanada, coleta de lixo, posto de saúde) como deveria ser toda a zona rural e que não se caracterizaria por obrigatoriedade de ser agrícola. Um rural como já ocorre na Europa (as “villages” inglesas por exemplo) que tem desenvolvido para sua sustentabilidade, o conceito de capital simbólico ligado aos produtos artesanais ou turísticos ou outros quaisquer não poluidores. A ideia de capital simbólico – um conceito sociológico instigante – reside no aproveitamento da memória e da História locais, bem como das lendas e mitos, para explicar a produção de alimentos típicos (bolos, licores, biscoitos, vinhos, cervejas, queijos) agregando valor ao produto que se apresenta como único, original, puro, livre de aditivos e da pasteurização do sistema industrial. Um outro fator que acrescenta capital simbólico à produção desse rural é a paisagem, o que confere ao produto uma auréola de beleza e melhor sabor ligado ao verde, ao ar puro e à água cristalina do lugar. O carisma e as mãos abençoadas de homens e mulheres que vivem longe do estresse da sociedade industrial também atuam como capital simbólico (Dulce Whitaker em anexo).

Reflexões sobre o rural e o urbano:

Ainda segundo Dulce Whitaker (em anexo) o termo rural se confunde com o agrícola, o que nem sempre é verdadeiro porque a agricultura é produção de alimentos, e embora ela se faça quase sempre no campo, na atualidade os alimentos hidropônicos e parte do processo industrial da alimentação contemporânea pode ser feitos no meio urbano. O que caracteriza o rural

é a organização do espaço físico. Assim, a emergência de um novo rural, onde não necessariamente se produz alimento, mas artesanato, turismo e até confecções, está hoje crescendo na Europa, e se reproduz no Brasil. (GRAZIANO DA SILVA; HOFFMANN, 2001)

“É possível, portanto, morar na zona rural sem ser agricultor ou criador de animais, apenas preservando o espaço amplo e a natureza que dele brota. O novo rural se abre portanto a um mundo de possibilidades – sendo a preservação da natureza, do ar puro e das águas correntes, um objetivo desse novo rural”. O agrícola, quando transformado em agronegócio destrói o verdadeiro rural e transforma o campo na desoladora paisagem que substitui o ecossistema; enquanto que o novo rural, de alguma forma recupera o antigo rural do campesinato que era multifuncional e baseado em intensa sociabilidade - o que exige certa proximidade (mas não adensamento) entre moradores” (Dulce Whitaker em anexo). Estas configurações do novo rural foram encontradas numa pesquisa de campo na região da Serra da Bocaina, que desvendou um rural ecológico e multifuncional em áreas de Mata Atlântica (WHITAKER; WHITAKER; SOUZA, 2016). O que também está sendo observado na região de Penedo, Itatiaia (RJ).

“O segundo equívoco em relação ao rural, no Brasil, é pensa-lo sempre como local de carências e de atraso. O rural, seria portanto, para a ideologia valorizadora do urbano, um local sem água encanada, saneamento básico, esgoto, coleta de lixo, escola, posto de saúde. Na verdade, é dever do Estado propiciar a todos os cidadãos brasileiros, todos os benefícios dos equipamentos erradamente chamados de urbanos, sem alterar o espaço para torna-lo urbano” (Dulce Whitaker em anexo). Assim, coerente com um dos pressupostos da Nova Ciência, Penedo é e ao mesmo tempo não é a manifestação antecipada do Novo Rural.⁶

Metodologia

Nossas informações ecológicas, históricas e/ou culturais vem sendo organizadas e analisadas a partir de dados secundários e documentados. A leitura do espaço tem sido feita através de observações do espaço físico: o meio ambiente natural e o antrópico, que nos fornece a disposição dos elementos naturais ou construídos no espaço.

⁶ *Aqui nos inspiramos no paradoxo onda-partícula que explica os fenômenos da luz, cuja propagação se manifesta ora como onda, ora como partícula (CAPRA, 1982).*

A memória social e a reconstrução da história local, especialmente sob a ótica dos habitantes mais antigos, são obtidas com as técnicas da história oral, colhendo histórias de vida com os moradores das regiões em estudo. Esta metodologia foi aplicada com sucesso num estudo sócio ambiental pioneiro, que recuperou a história dos ecossistemas, antes do represamento do reservatório de Salto Grande (Americana - SP), e portanto a memória ambiental da Bacia Hidrográfica do Rio Atibaia. (BOTTURA, WHITAKER, WHITAKER, 1999). Através deste método pode-se obter informações ecológicas, históricas ou culturais, ainda não registradas, ou que estão incompletas nos documentos oficiais.

As pesquisas realizadas até o momento nas áreas de Mata Atlântica - entre elas Serra da Bocaina (Bananal, SP) e do Itatiaia (Penedo, RJ) - reuniram informações que caracterizam o meio ambiente físico, tais como: localização geográfica, relevo, geologia, geomorfologia, clima, hidrografia, vegetação e o antrópico, incluindo as mudanças no uso e na ocupação do espaço associadas à história da colonização humana. A organização dessas informações na escala espaço tempo permite a construção de sequências de eventos históricos, que podem mostrar a relação das populações com a natureza desde os povos originais, passando pelas sucessivas colonizações e ciclos econômicos, até o padrão atual de uso e envolvimento dos habitantes com o meio ambiente de uma região.

Caracterização ambiental da região: Penedo e Parque Nacional do Itatiaia

Essa região apresenta vários fatores que a tornam extremamente relevante e susceptível em termos ambientais. O Parque Nacional do Itatiaia, na serra da Mantiqueira, criado em 1937, por Getúlio Vargas, contém remanescentes da Mata Atlântica original em altitudes superiores a 1000 m. Sua história geológica, a presença da floresta em gradientes de altitude e a biodiversidade da flora e da fauna, com elevado endemismo das espécies de plantas, tornam este parque extraordinariamente importante para a região e para o país. (DEAN, 1997; POR, 1992).

A grande importância da Mata Atlântica está na presença de refúgios ecológicos, na diversidade de ecossistemas, nas espécies da flora e da fauna ameaçadas de extinção e no endemismo biológico. As escarpas cobertas de matas são o último refúgio natural para muitos animais ameaçados de

extinção e também o único habitat do Planeta para algumas espécies de plantas como as bromélias. (DEAN, 1997). A vegetação da Mata Atlântica compõe um mosaico rico de ecossistemas, devido a elevada variabilidade dos fatores ecológicos; incluindo uma ampla faixa de altitude e de temperaturas cujas médias variam de 20° a 30°, podendo atingir valores negativos e mínimos de 0° no inverno, associados a alta pluviosidade no verão. Essa alta heterogeneidade física (abiótica) produz uma diferenciação de nichos ecológicos que promove condições para uma elevada biodiversidade.

As nascentes cristalinas da Serra do Itatiaia representam uma valiosa fonte de água pura que drena as micro bacias em direção ao Rio Paraíba do Sul. Como todos os grandes rios que drenam vales industrializados e urbanizados, o Rio Paraíba do Sul encontra-se comprometido enquanto recurso hídrico, para o abastecimento da região e para os processos industriais, devido à elevada carga de esgotos domésticos, agrícolas e industriais que recebe ao longo de sua bacia hidrográfica. O Vale do Rio Paraíba do Sul, na altura da região em estudo, vem sofrendo nos últimos anos uma acelerada expansão e implantação de indústrias de grande porte, tais como: Votorantin, Volkswagen, Nissan (Rezende, RJ), Peugeot-Citroen (Porto Real, RJ), entre outras montadoras implantadas mais recentemente como a Land Rover (Itatiaia, RJ).

Whitaker et al. (2011) discutiram como fatores logísticos: a rodovia Presidente Dutra, utilizada para o escoamento da produção, e a disponibilidade de água do Rio Paraíba para os processos industriais, que requerem água, tanto na etapa da linha de produção, quanto de lançamento de resíduos e efluentes, elementos fundamentais na expansão das indústrias ao longo do Rio Paraíba do Sul. Além da topografia relativamente plana do vale facilitar a implantação de parques industriais. Áreas ainda mais planas e largas, com solos úmidos e férteis no vale são aproveitadas para o cultivo de arroz de várzea, tomates e hortaliças de forma geral, especialmente na região correspondente ao estado de São Paulo (no trecho entre São José dos Campos e Guaratinguetá).

Fatores como: relevo, solos e rede de drenagem são controladores do uso e da ocupação do espaço físico em bacias hidrográficas (TUNDISI, 2005).

No passado, o escoamento do ouro e mesmo do café, das serras até o litoral era feito através de trilhas remanescentes originais dos índios Puris. Entretanto, as plantações de café só foram possíveis nas áreas menos íngremes, nas colinas e campos, cujos solos drenáveis e topografia

permitiram o cultivo da planta. Como consequência, as áreas mais íngremes das serras ficaram relativamente preservadas ou puderam se reconstituir através de uma vegetação secundária, após o desmatamento decorrente da colonização promovida pelos ciclos econômicos.

A região do Vale do Rio Paraíba do Sul, situada no eixo Rio - São Paulo envolve inúmeros pontos turísticos e unidades de conservação, além da sua importância histórica no passado, e econômica atual. (WHITAKER, WHITAKER, SOUZA, 2011). A bacia hidrográfica do Rio Paraíba do Sul, na altura de Penedo e Itatiaia, está compreendida entre a Serra da Mantiqueira a oeste, na divisa com Minas Gerais, e a Serra do Mar a leste, ao longo do Oceano Atlântico.

O Parque Nacional do Itatiaia encontra-se na região extremo oeste do Rio de Janeiro na Serra da Mantiqueira, na divisa de Minas Gerais, e abriga o Pico das Agulhas Negras com 2787 m, ponto culminante do Estado do Rio de Janeiro, e o maciço das Prateleiras, formado por blocos de rochas a 2548 metros. O tectonismo do período Quaternário da era Cenozoica criou as altas elevações montanhosas da serra do Itatiaia. (POR, 1992).

O clima tropical de altitude nas áreas serranas do Vale do Paraíba, comporta temperaturas amenas, com médias anuais em torno de 20°, sendo o verão quente e úmido e o inverno frio e seco. A umidade proveniente do Oceano Atlântico e a barreira topográfica das serras promovem as altas precipitações no verão e neblina no inverno, condições úmidas que permitiram a existência da Mata Atlântica, uma Floresta Tropical Úmida que ocorre do Rio Grande do Sul ao Rio Grande do Norte. (POR, 1992; LEITÃO FILHO, 1994). O fator altitudinal da Serra do Itatiaia promoveu a formação de dois tipos de ecossistemas: nas partes mais baixas e escarpadas, a Mata Atlântica domina a paisagem, cedendo espaço para os campos rupestres com a elevação da altitude. Nas partes altas da Serra do Itatiaia, os afloramentos rochosos não permitiram o desenvolvimento de solos profundos e a vegetação rupestre e herbácea coloniza as rochas aparentes com espécies adaptadas às condições de frio intenso, geada e crosta de gelo. São os campos rupestres de altitude. (POR, 1992).

A vegetação da Mata Atlântica é estratificada, com topo relativamente fechado pela junção das copas das árvores maiores e pela presença de duas ou mais camadas de árvores menores e arbustos que ficam abaixo da cobertura superior. A maioria das árvores é sempre verde e com folhas largas, que são sustentadas por um índice pluviométrico anual superior a

1000 m. Ocorrem extratos de plantas rasteiras e epífitas que revestem os troncos das árvores. (WILSON, 1997)

Histórico - Região de Penedo e Itatiaia:

Os primeiros habitantes, uma antiga tribo nômade que vagava pela cordilheira da Mantiqueira, nos cumes da Serra do Itatiaia eram os indígenas do grupo “Puri” que denominaram a região de Itatiaia, cujo significado é “pedra cheia de pontas”. Do século XVI ao XVIII, a região foi intensamente percorrida por aventureiros e tropeiros, com o surgimento de ranchos e roças de subsistência, tanto no vale, como na serra. A colonização só ocorreu no século XIX, através das plantações de cana de açúcar e dos engenhos, com a formação dos latifúndios nas planícies. Mas foi através do cultivo do café nas encostas e do surgimento das grandes fazendas de café que a região atingiu o apogeu econômico e o declínio após a abolição da escravatura. Ao final do século XIX e do início do século XX houve uma fase promissora da pecuária leiteira. No período de 1908 a 1918 houve a implantação de núcleos coloniais em Itatiaia, com a imigração de alemães, franceses, suíços, holandeses, para o plantio de frutas e de subsistência (SILVA, 2005).

Todas estas iniciativas de cultivos das terras foram fracassadas e representaram o início do desmatamento e da perda do equilíbrio da Mata Atlântica (DEAN, 1997).

No século XIX inúmeros historiadores naturais, botânicos e zoólogos tais como Saint Hilaire e Von Martius visitaram a região em expedições científicas e estudaram a flora, a fauna e a geologia do Planalto do Itatiaia. Através destes estudos, houve uma verdadeira revelação da beleza cênica e do valor científico do maciço do Itatiaia, dentro e fora dos meios acadêmicos, no nível nacional e internacional. Este reconhecimento, e as pressões para a sua conservação levaram a criação do Parque Nacional (GOUVÊA, 2005).

“A reserva do Itatiaia era um espetáculo extraordinário, um maciço eruptivo que se elevava a cerca de três mil metros...”, descrição reportada ao período de criação da Reserva Florestal do Itatiaia, em 1908, que passou a Estação Biológica de Pesquisa em 1927, anexa ao Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Em 1937, Itatiaia foi transformada no primeiro Parque Nacional pelo Presidente Getúlio Vargas, representando a mais antiga unidade de conservação do país (DEAN, 1997).

A exuberância da natureza, o clima ameno e a localização estratégica culminaram no despertar da vocação turística de Itatiaia. Com a presença dos estrangeiros estabelecidos na região, apareceram as primeiras pensões e locais informais de hospedagem e a partir da década de 1920 surgem os primeiros hotéis na área do parque. (BORGES, 2005). Alguns deles estão ainda hoje em funcionamento, promovendo um turismo que busca conciliar a preservação da flora e da fauna da Mata Atlântica e a memória cultural.

Penedo e a Colônia Finlandesa

Penedo é um bairro rural e distrito de Itatiaia, que se localiza no sul do estado do Rio de Janeiro, aos pés da Serra da Mantiqueira. Entre Penedo e a Rodovia Dutra há uma planície que foi urbanizada. No Alto Penedo, a Mata Atlântica é conectada ao Parque Nacional do Itatiaia e à Serrinha do Alambari, sendo que essa faz parte de uma APA. A micro bacia da Serrinha é drenada pelos Rios Alambari, Piratininga e Santo Antônio. A região em que se encontra Penedo é drenada pelo Ribeirão das Pedras.

O bairro de Penedo foi a primeira colônia finlandesa do Brasil, sendo que o primeiro grupo de imigrantes finlandeses chegou em 1929, com Toivo Uskalo liderando o projeto de imigração para a Fazenda Penedo. Toivo era agricultor, filósofo, ecologista, místico, sendo um dos pioneiros. (BORGES, 2005).

Segundo o depoimento de uma entrevistada, a única finlandesa ainda viva que veio na primeira leva de imigração quando criança, os finlandeses vieram de início para uma região próxima de Penedo e praticavam uma agricultura de subsistência muito diversificada de roça de feijão, hortaliças e frutas, mesmo não possuindo tradição de agricultores, como era o caso do seu pai. Sua trajetória de vida acompanhou a evolução da própria região.

A Fazenda Penedo possuiu cultivos de café, criação de gado e um projeto fracassado de cultivo com enxertos de laranja. Em 1942, uma companhia medicinal suíça comprou parte da fazenda para plantio de Eucalipto e empregou os finlandeses. As famílias finlandesas construíram casas com sauna à beira do Ribeirão das Pedras. Até hoje, existe um casarão que foi a sede de uma antiga Fazenda de Café. A partir de 1950, com a construção da Rodovia Dutra, Penedo começou a se destacar como polo turístico, e as casas dos finlandeses se transformam em pensões e pousadas, havendo a expansão do turismo. (BORGES, 2005).

As tradições artesanais dos finlandeses, como a tapeçaria foram mantidas.

O artesanato em Penedo é uma herança da colonização finlandesa, que tinha como tradição os trabalhos manuais no início do século passado na Finlândia. A casa dos finlandeses nos anos 1950 eram repletas de peças artesanais: tapetes, colchas feitas em tear manual, mesas e cadeiras talhadas em madeira bruta, objetos de cerâmica. Atualmente, ainda existem artesões como a Sra Eeva entrevistada para essa pesquisa, que fazem artesanatos em madeira de origem finlandesa, junto com a família, filhos e agregados, além da confecção de geleias e chutneys, na própria casa, que se torna uma extensão da sua loja. Outra entrevistada, uma artesã brasileira e nordestina (Sosô) casada com um alemão, utiliza técnicas camponesas alemãs e também faz seus trabalhos artesanais na própria loja, separada da casa por um amplo gramado e jardim verdejante.

Até recentemente havia artesãs finlandesas utilizando teares de madeira ou outras técnicas, como as suecas, de manufatura de lanternas em madeira. Nos anos de 1990, Eila Ampula, uma das finlandesas ainda viva, da primeira leva de imigração, ou seja do início da colônia, fazia tapeçarias e pinturas. Suas tapeçarias retratavam a mata e os animais brasileiros, cenas religiosas e cotidianos do povo. Dentre os pioneiros da colonização finlandesa, havia artistas plásticos como Toivo Suni que pintavam a natureza em traços cubistas. Houve uma mostra Toivo Suni no MAM e ele foi considerado um finlandês cubista. Da mesma forma que Toivo Uskalo, Suni era ecologista e agricultor. Conforme se pode observar, é paradoxal que agricultores filósofos saiam da gélida Finlândia para realizar seus sonhos no trópico. A topografia e a ecologia que dela emanam na região do Itatiaia ajudam a esclarecer as origens dos paradoxos. Mas paradoxos surgem também em regiões menos dramáticas do ponto de vista da topografia e que foram racionalizadas pelo grande capital com propósitos ligados à produtividade. Vejamos agora um desses casos, na região de São Carlos e Itirapina.

A região de São Carlos: Os Novos Rurais e os Paradoxos da Ruralidade

Em sua pesquisa de doutorado, Souza (2016) apresenta algumas experiências de educação em territórios rurais na região de São Carlos e Itirapina, que são bons exemplos de trabalho para a formação de novas mentalidades para uma ecologia profunda. Tais experiências, são

singularidades rurais que se renovam e resistem frente ao avanço dos modelos do agronegócio. Reúnem novos atores preocupados com o manejo sustentável da terra e com práticas educativas que garantam a proteção da cultura, a recuperação e a preservação da natureza.

Juntamente com as cidades de Ribeirão Preto e Araraquara, São Carlos compõe um importante centro econômico industrial exportador de tecnologias, máquinas e equipamentos e de *commodities* do agronegócio. Apesar de ser uma cidade média, com uma população estimada de 243 mil habitantes (IBGE, 2016), São Carlos é admirada por ser um dos principais polos universitários de inovação e pesquisa, que acolhe milhares de estudantes do Brasil e do mundo, atraídos pelos cursos de graduação e pós-graduação na Universidade de São Paulo (U.S.P) e a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). A população são-carlense também se orgulha por contar com a maior concentração per capita de doutores do Brasil, e por ostentar o título de capital nacional do conhecimento e da tecnologia (SOUZA, 2016).

Todo esse prestígio e hospitalidade acadêmica traz para São Carlos o benefício de sempre manter um grande fluxo e permanência de estudantes que trazem consigo uma grande diversidade de expressões socioculturais. Além disso, há uma grande circulação criativa de ideias que se transformam em projetos socioambientais, políticas públicas inclusivas, programas e práticas associativas e colaborativas na cidade e no campo, entre os quais destacam-se: formação de coletivos agroecológicos e permaculturais, ecovilas, grupos espiritualistas e multiculturais, coletivos de expressões artísticas regionais, programas de acesso e permanência de comunidades tradicionais do campo nos cursos de graduação e pós-graduação, inúmeros projetos de extensão comunitária reconhecidos internacionalmente. Não bastasse essa gama de inovações, a Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), conta com cursos e formas de acesso especialmente formulados para atender às necessidades de pessoas do campo, como é o caso da Pedagogia da Terra, o vestibular indígena e para refugiados, além dos convênios com países da África e da América Latina. São experiências que se contrapõem ao recrudescimento de políticas conservadoras no Brasil e no mundo. Preocupam-se com a proteção das culturas tradicionais e ainda investem em pensamentos educacionais inovadores que formarão novas gerações, preocupadas com a preservação do meio ambiente (SOUZA, 2016). Portanto, é uma região que apresenta uma série de diversidades socioculturais contemporâneas que realçam o seu passado histórico e dão

um colorido original a suas expressões atuais de ruralidades.

A um olhar descuidado, no Estado de São Paulo, a paisagem parece toda coberta pelo modelo hegemônico do agronegócio monocultor. Mas, se observarmos os espaços rurais de forma mais dialética e compreensiva, captando todas as suas complexidades, poderemos assim desviar o foco das formas homogêneas e passar a enxergar as multiplicidades de experiências e ruralidades impulsionadas por novas mentalidades de novos atores preocupados com a preservação da cultura campesina. Mesmo com a contínua expansão e exploração do agronegócio - principalmente pelo cultivo da cana-de-açúcar - a região de São Carlos também apresenta espaços rurais de resistência que revelam formas de ruralidades alternativas ao mundo destrutivo do capital.

Temos então a incrível emergência de novas ruralidades, pluriativas e multifuncionais, que apresentam o desafio constante de superar as antigas estruturas de propriedade utilitaristas, para a “*emergência em todo o mundo de novas estruturas de propriedade como alternativas às estruturas corporativas dominantes – uma crescente revolução da propriedade*” (CAPRA, LUISI, 2014). Nessa busca pela transição para os modelos geradores e não predadores, emergem paradoxos a serem enfrentados, e que não refletem apenas nas condições objetivas da produção material, mas também nos processos de subjetivação que vêm revelando novas mentalidades. Segundo Souza (2016), objetivamente, as ruralidades paradoxais apresentam:

[...] novas estruturas de propriedades alternativas aos modelos dominantes altamente predatórios, que têm como base a sustentabilidade ecológica em constante harmonia com a sustentabilidade econômica. (p. 24)

[...] encontramos a busca pela operacionalização de um modo de vida sustentável, que não atinge apenas o manejo agroecológico da terra, mas as relações de forma geral. Assim, a busca pela transição para formas alternativas que priorizam práticas sustentáveis enfrenta alguns paradoxos: por um lado a necessidade de lucro imediato em um mundo cada vez mais veloz, voraz, produtivista, globalizado e competitivo, por outro, a necessidade de harmonizar sustento econômico, rentabilidade, tempo, recuperação e preservação do meio ambiente e sustentabilidade. (p. 33-34)

Forma-se então, um caleidoscópio de soluções inovadoras, apresentando

um rural dinâmico a ser melhor compreendido pela Sociologia Rural e melhor acolhido por políticas públicas de incentivo à agricultura familiar, à cultura, à educação e à preservação da natureza.

Integrado às nossas pesquisas sobre novas configurações e possibilidades do ser humano face à crise ambiental, Marinaldo Fernando de Souza (2016) estudou em seu doutorado alguns exemplos rurais que se afastam radicalmente do modelo hegemônico da região de São Carlos, sugerindo que imperativos econômicos nem sempre são inexoráveis.

Essas “descobertas” são verdadeiras singularidades que, frente aos paradoxos enfrentados para a sobrevivência do espírito campesino e de toda a sua produção material e simbólica, também são bons exemplos de esforços para a transição.

Singularidades rurais

“[...] o que é definido como o ponto em que uma regra muda e surge algo imprevisível completamente diferente, como acontece quando um número é dividido por zero e o resultado é o infinito que não é um número, mas um campo de possibilidades e da ideia da onda do tempo de (MCKENNA apud RUSSEL, 2009) que inclui a taxa de ingresso constante de novidades no mundo e o aumento da complexidade no processamento das informações”. (WHITAKER, WHITAKER, SOUZA, 2016)

Há pouco mais de dois anos, a revista Retratos de Assentamentos publicou um artigo de Souza, Whitaker e Whitaker (2014), apresentando alguns exemplos de configurações rurais, contendo a primeiras informações sobre a Ecovila Tibá em São Carlos. Este texto – produto das pesquisas exploratórias para a tese de doutorado de Marinaldo Souza (2016) - inaugurou a socialização de uma intensa jornada de estudos sobre novas ruralidades e seus paradoxos - temas que também estavam sendo desenvolvidos e amparados pelos estudos de Valéria Whitaker e Dulce Whitaker na região da Serra da Mantiqueira em Penedo.

Como consequência da construção do campo de pesquisa para a tese de doutorado de Marinaldo F. Souza (2016), que teve como objetivo central, “estudar experiências educacionais rurais que pudessem inspirar novas práticas escolares e filosofias educacionais, para além dos modelos hegemônicos de escolarização”, foram surgindo outras oportunidades de territórios rurais a serem pesquisados, como foi o caso da Fazenda da Toca,

na cidade de Itirapina. O que despertou o interesse de pesquisa pelo local, foi a escola mantida pela fazenda - a Escola da Toca. Mas logo, todo o contexto rural revelou importantes características a serem analisadas, principalmente pelos paradoxos enfrentados desde o ano de 2008, quando os proprietários da fazenda iniciaram a implantação de um modelo de propriedade geradora de sustentabilidade. Mesmo ligada ao grande capital, a propriedade passou a confrontar a lógica do agronegócio monocultor, buscando harmonizar os interesses econômicos aos processos de preservação do meio ambiente e de sustentabilidade. Portanto, uma singularidade “onde o novo, o tradicional e o contemporâneo” anunciavam uma nova categoria, o Rural Paradoxal.

Tanto a Fazenda da Toca, quanto a Ecovila Tibá – respeitando as características de cada território, que poderão ser melhor compreendidas em Souza (2016) – são configurações rurais que podemos tipificar como Novas Ruralidades e, como tais, apresentam paradoxos a serem analisados. Cumpre lembrar que os paradoxos não são realidades contrárias imobilizadoras, mas se manifestam como fonte de superação da realidade contrária a ser transformada. Neste jogo de forças, na busca de transição de um modelo de produção devastadora, para uma produção material e simbólica dentro de uma perspectiva ecológica profunda, irrompem novas mentalidades que recriam práticas individuais e coletivas, e o diálogo permanente entre a “ecologia social, a ecologia mental e a ecologia ambiental” (GUATTARI, 1995). São os sujeitos ecosóficis.

No caso da Ecovila Tibá, a realidade paradoxal se dá mais pelos constantes processos de subjetivação que resultam em novas corporalidades e mentalidades, que já se desprenderam da preparação recebida para a vida urbana e consumista, e continuam lutando pelo rompimento com uma estrutura organizacional predatória. Diferentemente da fazenda da Toca, com um histórico agrícola monocultor, que há oito anos vem fazendo a transição para um modelo de produção orgânica agroflorestal, a Ecovila Tibá já nasce em meio ao desejo de um grupo de pessoas em viver de forma associativa e em regime de cooperação.

A Ecovila Tibá é um espaço rural associativo de onze alqueires, fundada em 27 de abril de 2006, que está localizada a dezessete quilômetros do centro de São Carlos. É ocupada por pessoas que optaram pela vida no campo e que compartilham das preocupações com o meio ambiente, com a educação e com a própria qualidade de vida. Entre famílias permanentes e temporárias, são aproximadamente trinta moradores que se dividem numa casa central,

que já pertencia à estrutura do sítio, bem como em novas construções que foram sendo incorporadas pelo coletivo. Os objetivos centrais da comunidade Tibaporá são amparados por princípios Agroecológicos e Permaculturais que, para além da preocupação de uma estrutura material ecoeficiente, compartilham ideais educativos e espiritualistas, voltados para o respeito às diferenças e pela livre expressão das multiplicidades existenciais, que garantem um fluxo de experiência entre o rural e o urbano. Apoiado por este fluxo urbano de um novo rural, que enfrenta seus paradoxos para a constante transição, o território da Ecovila Tibá está repleto de espaços de plantio e construções elaboradas a partir de um do *design* permacultural, que leva em conta as condições ambientais, temporais e econômicas (SOUZA, 2016).

Para Souza (2016) “este é um quadro dinâmico que sempre está em processo de discussão e transformação, mas que de forma geral objetiva fortalecer o uso eficiente dos espaços de habitação, através de bioconstruções sustentáveis, fornecer condições favoráveis às atividades profissionais, incentivar atividades de agricultura sustentável ligadas aos modelos agroecológicos de produção, consumo, preservação e recuperação da natureza. É uma busca para transformar a Ecovila em um espaço de pluriatividades rurais e urbanas, visando a qualidade de vida e saúde, o convívio solidário e hospitaleiro com as diferenças, a resolução pacífica de conflitos. O diálogo constante com o entorno rural e a aproximação dos grupos de pesquisa e extensão e com a comunidade rural e urbana através das políticas de inclusão, são algumas das características marcantes desta situação que pode ser considerada paradoxal.

Passemos agora da experiência colaborativa de uma Ecovila para o modelo de propriedade geradora da Fazenda da Toca, “onde o novo, o tradicional e o contemporâneo formam um grande caleidoscópio”, com variadas combinações de ruralidades que refletem inúmeros paradoxos (SOUZA, 2016).

A Fazenda da Toca fica no município Itirapina - a 200 km de São Paulo - e ocupa uma área de 2300 hectares. Há quarenta anos a propriedade pertence à família do empresário Abílio Diniz, bastante conhecido pela gestão do Grupo varejista Pão de Açúcar. Por muito tempo, a fazenda foi utilizada para o plantio convencional de laranja, mas atualmente se dedica à produção orgânica agroflorestal.

Além dos projetos sustentáveis de agricultura orgânica, desde 2008 a fazenda da Toca vem realizando muitos investimentos em educação, na pesquisa e para a inovação da indústria de alimentos orgânicos que fica na

própria fazenda. Essas mudanças são a concretização do desejo do casal, Pedro Diniz e Tatiane Floresti, de reproduzir localmente algumas metodologias de gestão que possam proporcionar “a formação de uma comunidade baseada nas premissas da dignidade humana e da sustentabilidade ecológica – frente aos desafios de equilibrar esses objetivos, com a necessidade de lucro para a sustentação da empresa”. Como aponta Souza (2016), “a fazenda passou a adotar novas abordagens filosóficas, políticas, sociais, econômicas e empresariais, objetivando transformar o modelo produtivo linear, fragmentado e mecânico comum aos modelos rurais e industriais degradadores, para uma ‘propriedade geradora’ (KELLY, 2014, p.497) – entendida como um grande sistema ecológico, interdependente e cooperativo”. Frentes aos objetivos de colaborar para um mundo mais sustentável, os modelos de empresas geradoras vêm ganhando cada vez mais adeptos entre setores econômicos e políticos. Por sua vez, tais setores inspiram-se nos movimentos sociais agroecológicos e de luta pela terra, que já apresentam *Know-how* suficiente para enfrentar os desafios da sustentabilidade ecológica.

No caso da fazenda da Toca, essas transformações não ocorreram somente nos sistemas de agricultura e na produção industrial. A filosofia do “pensar organicamente como um todo integrado, visando a sustentabilidade ecológica”, requereu a adoção de soluções sistêmicas para a produção material e simbólica local. Para tanto, a fazenda também realizou uma série de investimentos em atividades de formação, pesquisa e educação, apoiando-se principalmente na “Visão Sistêmica da Vida” (CAPRA, 2014) e na “Alfabetização Ecológica” (CAPRA, 2006).

Neste quadro em constante transformação, a Toca começou a produzir leite, ovos, frutas e grãos, destinados basicamente para a produção industrial de sucos, lácteos e ovos da linha de produtos orgânicos que recebe o nome de *Fazenda da Toca Orgânicos*. Além disso, começou a experimentar e aprimorar as práticas agroecológicas; fomentar a produção de outros produtores orgânicos; promover projetos educacionais, vivências e cursos inspirados em princípios ecológicos através do Instituto Toca de Educação (SOUZA, 2016). Levando-se em conta a ideia de “propriedade geradora”, a fazenda da Toca é um exemplo de como sociedade contemporânea pode enfrentar os paradoxos da sustentabilidade.

Souza (2016) chama a atenção para o fato de que o processo de transformação da fazenda, foi relativamente curto – 8 anos. Mas, mesmo com prazo relativamente curto, a propriedade consolidou mudanças

significativas, que já são referências para a gestão e para a produção agrícola e industrial. O autor ressalta também, o “desafio educativo mais amplo de romper com as mentalidades produtivista e recuperar os níveis desejáveis de uma consciência ecológica”. Assim, as experiências educativas na fazenda da Toca – seja na Escola da Toca de educação infantil, seja na indústria para a formação e treinamento de um técnico - são derivadas de propostas pedagógicas amplamente debatidas e coerentes com as orientações filosóficas que preveem:

[...] um desancoramento do fragmentário e do mecânico”, rumo ao ecoplanejamento. [...] é um desafio que não envolve apenas transformações administrativas e na gestão, mas uma profunda mudança paradigmática que, comparada às estratégias hegemônicas utilitaristas da sociedade contemporânea, pode ser chamada de “uma ‘revolução molecular’ – “envolvendo também uma articulação ético-política entre os três registros ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana” (GUATTARI, 1995). (p.102)

Como se pode verificar, a fazenda não lidou apenas com mudanças superficiais em seus sistemas de gestão. Houve transformações sensíveis em todo o contexto agrícola, industrial, educativo e relacional), trazendo impactos positivos para um ambiente que, até pouco tempo, o senso comum acreditava ser impossível alterado. Marinaldo Souza (2016) analisa que:

[...] entre os grandes paradoxos vividos - por um lado a necessidade de lucro imediato em um mundo cada vez mais veloz, voraz, produtivista, globalizado e competitivo, por outro, a necessidade de harmonizar sustento econômico, tempo, recuperação e preservação do meio ambiente, sustentabilidade e educação de qualidade, podemos considerar a Fazenda da Toca como um bom exemplo de uma “nova estrutura de propriedade, alternativa às estruturas dominantes”. Enquanto uma propriedade geradora de novas perspectivas socioambientais e econômicas, destaca-se também pela proximidade que alguns membros proprietários mantêm [...] diferentemente de muitas corporações cujos membros são desconectados, voltados tão somente para o lucro, nutrindo pouca qualidade ética nas relações com o mundo. (p.100)

É fato que a fazenda - propriedade de um grande grupo econômico - não vai se desvincular totalmente de um de seus objetivos fundamentais que é o lucro. Como aponta Kelly, (2014, p.498) é como pedir a um urso para mudar o seu DNA e se tornar um cisme. Mas, concordamos com Souza (2016, p.99),

que é interessante reconhecer as novas estruturas que buscam a geração de novas relações sustentáveis entre produção, consumo e meio ambiente”.

É adequado portanto não simplificar a complexidade apresentada por este contexto rural paradoxal. Como analisa Souza (2016), “num olhar apressado pode-se entender apenas como uma estratégia do Capital, *‘pronto a capturar mais uma das práticas que a ele parece se opor’*. Em parte, isto pode ser verdadeiro, mas apenas uma obviedade que necessita de aproximações compreensivas. Neste sentido, torna-se melhor observar *‘um devir histórico transformador’* que prepara o terreno para a transição de novas práticas e novas mentalidades ecológicas. É a partir deste devir histórico repleto de conflitos e paradoxos, que acontecerão importantes mudanças locais e globais”.

Discussão dos estudos face as teorias sistêmicas

A leitura do espaço e os resultados da pesquisa indicam a existência de uma forma contemporânea de campesinato em Penedo. Isso é sugerido pela organização espacial das construções rodeadas de muita área verde, como as lojas e casas das artesãs entrevistadas, assim como os hotéis e pousadas do lugar; e pela disposição irregular das casas e das lojas comerciais e estabelecimentos ligados à vida noturna e à gastronômica em relação à rua principal. As ruelas periféricas lembram as vilas ou villages europeias, uma vez que elas são próximas às áreas recompostas da Mata Atlântica ou possuem vista panorâmica para as serras que circundam o local. A presença de artesões brasileiros, ou de origem europeia, que praticam formas artesanais, tais como: tapeçaria, artesanato em madeira de inspiração camponesa alemã e escandinava, geleias e chutneys nas lojas que são uma extensão da própria casa, junto com familiares, agregados e empregados; assim como de escultores e pintores que possuem suas oficinas e locais de exposição junto com seus restaurantes, como extensão das suas casas, localizados no meio da Mata Atlântica tornam esse lugar inusitado enquanto rural!

Alguns dos traços mais marcantes da colonização finlandesa dizem respeito a recuperação da flora e da fauna na área ocupada, a qual na década de 1930 encontrava-se parcialmente devastada pela monocultura cafeeira e pelos pastos. O gosto pela jardinagem, e a prática da agricultura contribuiu para transformar Penedo num recanto colorido pelas frutíferas e floríferas que eles plantavam em torno das suas casas e em muitos outros pontos. (BORGES, 2005).

A configuração de Penedo desperta reflexões interessantes, tanto do ponto de vista histórico, quanto do ponto de vista geográfico. Estamos dentro de um espaço marcado pela ambiguidade entre o rural e o urbano. Uma retrospectiva história mostra a formação de um bairro rural colonizado por finlandeses que praticavam uma agricultura ligada à produção de frutas e hortaliças, mas que deve ter tido bastante diversificação em termos de lotes de subsistência, conforme demonstrado na fala de uma entrevistada em relação às famílias que praticavam esse tipo de agricultura. Estas marcas persistem. A rua principal, que ensaia o urbano é toda plantada de mangueiras, do lado direito de quem entra na “cidade”. Do ponto de vista geográfico, esta rua pode significar o “urbano” já que através dela se desenvolve o melhor do comércio local. Mas a disposição irregular das construções, algumas oblíquas em relação à rua, o caráter indeciso da descontinuidade dos prédios, alguns bastantes recuados, nos remetem à ideia de vila, vilarejo, que guarda relações com uma certa ambientação camponesa. A tapeçaria, por exemplo, com motivos da natureza nos faz pensar em campesinato pela proximidade com a fauna e a flora locais. (Dulce Whitaker em anexo).

A existência de serviços considerados urbanos como correio, uma escola, água encanada, coleta de lixo, posto de saúde, e asfalto nas vias principais poderia trazer a ideia que o local é urbano; mas a pesquisa vem confirmando a condição de Penedo enquanto bairro rural, cuja ruralidade não agrícola, inclusive sofisticada sob alguns aspectos e permeada pela natureza, nos remete ao Novo Rural. A presença de lojas não só as de artesanato como extensão da casa dos artesões, mas as comerciais e dentro de shoppings centers construídos através de uma arquitetura que integra a natureza com galerias abertas, cujas butiques nos lembram as encontradas nos lugares urbanos; assim como os restaurantes, bares, casas noturnas sofisticadas com shows de jazz em Penedo, nos levam a refletir sobre uma nova categoria de vilarejo rural no Brasil com estilo europeu.

Essa discussão pode auxiliar nas questões teóricas levantadas pela Sociologia Contemporânea sobre o paradoxo rural e urbano no Brasil, assim como uma forma inusitada de rural, semelhante ao novo rural europeu.

Portanto, apesar dos primeiros colonos finlandeses praticarem uma agricultura diversificada de subsistência e produção de frutas e hortaliças, a ocupação do espaço físico atual mesclado à natureza nos lembra à ideia de vila ou vilarejo, e a atmosfera dos hotéis, restaurantes, oficinas de artesanato, bares e pubs produz um sofisticado rústico.

Para Dulce Whitaker (em anexo) em Penedo é difícil separar o rural do urbano, os quais estão conectados pelo sistema econômico, pelo turismo e pelo transporte e comunicação. Mas este não pode ser considerado urbano no sentido técnico do conceito, sendo um rural não agrícola que não produz alimentos. É um rural como organização do espaço, semelhante ao novo rural, onde se produz artesanato, geleias, licores, artes plásticas e turismo. Penedo pode representar o novo paradigma para o rural, porque como distrito de Itatiaia é beneficiado por equipamentos “urbanos”: correio, escola, água encanada, coleta de lixo, posto de saúde, asfalto nas vias principais, mas não é agrícola. Um rural que desenvolve sua sustentabilidade, através do capital simbólico ligado aos produtos artesanais ou turísticos e à natureza. Para utilização do capital simbólico é necessário consultar a memória das pessoas, a memória da paisagem e caracterizar a natureza, suas imensas possibilidades.

As informações colhidas nesta pesquisa sugerem que a colonização da região pelos finlandeses, derivou a história de Penedo em relação às outras regiões vizinhas do Vale do Rio Paraíba do Sul, as quais acompanharam os ciclos econômicos do país: ouro, cana de açúcar e café que foram sucedidos pela industrialização (Vale Econômico) ou pelo isolamento (Vale Histórico) conforme discutido por Whitaker et al. (2011). As especificidades culturais e ambientais despertaram o destino turístico da região como um ponto de inflexão. Essa vocação turística apresenta ainda uma riqueza maior justamente pela história da sua colonização entrelaçada à natureza do local.

“Fico imaginando a riqueza de capital simbólico que se acumulou em Penedo. A figura carismática do colonizador Toivo, um visionário idealizando um paraíso tropical tem que ser arrancada da memória puramente histórica para “frequentar” todos os ambientes. Toda a epopeia da colonização tem que ser divulgada aos turistas e visitantes em geral, e dela devem ser extraídos todos os fatos que têm a ver com a paisagem (e todos tem obviamente). Há um capital simbólico já utilizado em Penedo de forma bastante inteligente. O das artes plásticas que “frequentam” hotéis e restaurantes. E é nesse ponto que Penedo dá uma grande contribuição ao rural. Longe de ser o espaço do atraso, o rural pode ser o “locus” privilegiado do intelectual, artista, escritor que sabe o valor da natureza e a necessidade de preservação. (Dulce Whitaker em anexo)

Lúcio Costa, arquiteto e urbanista, defendia a ideia que o rural deveria ter todo o conforto do urbano e que o urbano deveria ter toda a beleza do campo, com suas árvores e pássaros.

Penedo tem serviços considerados urbanos que trazem uma certa qualidade de vida aos seus moradores, os quais possuem também acesso a contemplação e usufruto da natureza da Mata Atlântica. No entanto, muitos desses serviços ainda precisam ser melhorados, especialmente em relação à questão mais importante, que é a contaminação das águas pelos hotéis, restaurantes e casas; uma vez que não existe saneamento no local, e portanto o esgoto é lançado nos rios em algumas áreas, como é o caso do Ribeirão das Pedras, que é o principal afluente da micro bacia de Penedo.

Conclusão

As regiões estudadas estão inseridas e conectadas ao sistema econômico global como um todo. No caso de Penedo (Itatiaia, RJ) isso se dá particularmente através do turismo, das empresas da região, e especialmente pelo fato de estar localizado no eixo Rio-São Paulo. Observa-se que seus moradores, entretanto, possuem práticas tais como: cooperação, realização de trabalhos comunitários e permuta (troca de serviço) que são característicos do campo. Valores esses, que foram encontrados com ênfase nas áreas rurais do Vale Histórico do Rio Paraíba do Sul e na Serra da Bocaina como Bananal (SP) em pesquisas anteriores, fortemente associados a uma rede social de solidariedade e de relações econômicas de comercialização dos seus produtos por Whitaker et al. (2016).

Capra (1982), afirma ao analisar os impasses do capitalismo, na atualidade, que os valores qualitativos relacionados às dimensões ecológicas, sociais e psicológicas das atividades econômicas deveriam ser levados em consideração nos modelos quantitativos da economia contemporânea. A abordagem fragmentada dos modelos quantitativos mostra uma defasagem entre a teoria e a realidade econômica em evolução. Um novo paradigma precisa revisar modelos conceituais obsoletos de um crescimento econômico linear, indefinido e ilimitado num meio ambiente finito, e considerar que sistemas econômicos são constituídos por organismos vivos, sociedades e ecossistemas, dentro de um contexto social e ecológico. Da mesma forma que, repensar o conjunto de valores codificados na percepção, intuições, e opções da sociedade pode fazer com que a mudança do sistema de valores crie novos padrões culturais.

Todos os casos encontrados nas configurações do rural em nossos

estudos até o momento mostram direções que apontam alternativas ao desenvolvimento econômico centralizado, burocrático e expansivo característico dos sistemas tecnocráticos e podem sugerir modelos, que embora encontrados numa micro escala nessas pesquisas podem inspirar um novo paradigma social para o futuro.

Referências Bibliográficas

ADORNO, Theodor Ludwig. **Dialética negativa**. Madrid: Taurus, 1966. 405 p.

BORGES, Célia. **Vocação Turística**. In: Borges, Célia (org). Revista da Academia Itatiaense de História, Itatiaia, v. 1, p.12-16, 2005.

BORGES, Célia. **Colônia Finlandesa**. In: Borges, Célia (org). Revista da Academia Itatiaense de História, Itatiaia, v. 1, p.12-16, 2006.

BOTTURA, Giovanna; WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; WHITAKER, Valéria. Andreatta. **Aplicações de técnicas das Ciências Humanas à pesquisa sócio - ambiental: um estudo na represa de Salto Grande (Americana- SP)**. Vertentes, Revista da Fundação de Ensino Superior de São João Del- Rei, v.14, p.55-61, 1999.

CAPRA, Fritjoj. **O ponto de mutação**. São Paulo: Cultrix, 1982. 445 p.

CAPRA, Fritjoj; LUISI, Pier Luigi. **A Visão Sistêmica da Vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. São Paulo: Cultrix - Amana-key, 2014. 615 p.

DEAN, Warren. **A ferro e fogo: A História e a Devastação da Mata Atlântica Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. 844 p.

FIAMENGUE, Elis Cristina; WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **Os desafios da emergência no Brasil de um rural “esquecido”: as comunidades quilombolas**. Retratos de Assentamentos, Araraquara, v. 17,

n. 1, p.67-78, out. 2014. Semestral.

GRAZIANO DA SILVA, José Francisco; HOFFMANN, Rodolfo. **Caracterização do Novo Rural Brasileiro: 1992 - 1998 / fase III**. Pesquisa Fapesp, São Paulo, v. 0, n. 0, p.14-17, 01 out. 2001. Mensal.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1995. 56 p.

GOUVÊA, Élio. **As Contribuições Científicas dos Pesquisadores da Região**. In: Borges, Célia (org). Revista da Academia Itatiaense de História, Itatiaia, v. 1, p. 60-62, 2005.

LEITÃO FILHO, Hermógenes de Freitas. **Diversity of Arboreal Species in Atlantic Rain Forest: Workshop on Ecology and Biodiversity**. Anais da Academia Brasileira de Ciências, v. 66, n. 1, p. 91-96, 1994.

KELLY, Marjorie. A empresa viva como fundamento de uma economia geradora. In: CAPRA, Fritjoj; LUISI, Pier Luigi. **A Visão Sistêmica da Vida: uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas**. São Paulo: Cultrix - Amana-key, 2014. 615 p.

POR, Francis. Dov. **Sooretama the Atlantic Rain Forest of Brasil**. The Hague: SPB Academic Publishing, 1992.130 p.

SILVA, Alda Bernades de Faria. **A Fazenda Itatiaia**. In: Borges, Célia (org). Revista da Academia Itatiaense de História, Itatiaia, v. 1, p. 9-12, 2005.

SOUZA, Marinaldo Fernando de. **Além da Escola: reflexões teórico-metodológicas com base na análise de práticas educativas alternativas descobertas em áreas rurais da região de São Carlos S.P**. 2016. 192 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação Escolar, Universidade Estadual Paulista - Unesp, Araraquara, 2016.

TUNDISI, José. Galízia. **Água no Século XXI: Enfrentando a Escassez**. São Carlos: Editora do Instituto Internacional de Ecologia, 2005.

VEIGA, José. G. **Cidades Imaginárias: O Brasil é menos urbano do que**

se calcula. Campinas: Editora Autores Associados, 2003.

WEBER, Max. **Economia y Sociedad**. México: Fondo de Cultura Económica, 1969. 667p

WILSON, Edward Osborne. **Biodiversidade**. Rio de Janeiro: Ed Nova Fronteira, 1997.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **Ideologia e Práticas Culturais: o controle ideológico dos trabalhadores da cana**. 1984. 263 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (U.S.P), São Paulo, 1984.

WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta. **Memória Social, Meio Ambiente e Envelhecimento no Brasil Rural: três olhares (estudo comparativo)**. Pesquisa de produtividade. CNPq, 2009.

WHITAKER, Valéria. Andreatta; WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; SOUZA, Marinaldo Fernando de. **Memória Ambiental, Cultural e Turismo no Vale Histórico do Rio Paraíba do Sul: design de uma pesquisa**. Revista Hospitalidade, Vol. VIII, n. 2, p.91-102, 2011.

WHITAKER, Valéria. Andreatta; WHITAKER, Dulce Consuelo Andreatta; SOUZA, Marinaldo Fernando de. **Configurações do Rural Tradicional e do Novo Rural no Vale Histórico do Rio Paraíba do Sul-São Paulo**. Boyrá. Revista Acadêmica da Faculdade de Tapajós. v.4,p.139-154, 2016.

ANEXO

Leitura do espaço: Um resumo metodológico para o estudo da relação rural urbano.

A leitura do espaço pode ser feita com base em diferentes olhares que vão convergir (ou não) dependendo do encontro de diferentes especialistas. Assim, os fenômenos se apresentam com diferentes aparições e o olhar do pesquisador tem que ser treinado para captar o máximo possível dessas “aparições” que nunca se esgotam. Como exemplo mais a mão cito as diferentes fases da Lua e a infinidade de momentos em que ela se apresenta ao longo do tempo, do ano, do mês e principalmente de cada minuto da noite quando se revela em todo o seu esplendor. Portanto, a leitura de qualquer fenômeno complexo exige uma dose de fenomenologia (e de paciência) aliados a um olhar informado por bases teóricas consistentes.

Ora, a leitura do espaço é apenas uma dessas leituras- e grosso modo- pode ser realizada por dois diferentes olhares: o enfoque do espaço transformador pelo ser humano e espaço que descreve a paisagem. Ambos foram usados nessa pesquisa.

A configuração de Penedo desperta reflexões interessantes, tanto do ponto vista histórico, quanto do ponto vista geográfico. Estamos dentro de um espaço marcado pela ambiguidade entre o rural e o urbano. Uma retrospectiva histórica mostra a formação de um bairro rural (colonizado espontaneamente por finlandeses) que praticavam aqui uma agricultura ligada à produção de frutas, mas que deve ter tido bastante diversificação em termos de lotes de subsistência. Estas marcas persistem. A rua principal, que ensaia o urbano é toda plantada de mangueiras, do lado direito de quem entra na “cidade”. Imagino a beleza que foi esta rua no passado quando as mangueiras vicejavam de ambos os lados formando um túnel verde e rosa.

Do ponto de vista geográfico, esta rua pode significar o “urbano”, já que através dela se desenvolve o melhor do comércio local. Mas a disposição irregular das construções, algumas oblíquas em relação à rua, o caráter indeciso da descontinuidade dos prédios, alguns bastantes recuados, nos remetem à ideia de vila, vilarejo, apesar da atmosfera pitoresca dos hotéis, restaurantes, oficinas de artesanato, bares, pousadas e pubs - um sofisticado rústico que guarda relações com uma certa ambientação camponesa. A tapeçaria, por exemplo, com motivos da natureza, nos faz pensar em

campesinato pela proximidade com a fauna e a flora locais.

Do ponto de vista da Sociologia contemporânea não se pode mesmo separar mais o rural do urbano – unidos que estão pelo sistema econômico, pelo turismo e pelas facilidades de transporte e comunicação. No entanto, há uma tradição, dessa mesma sociologia, que desde Max Weber, tipifica o urbano como espaço fortemente marcado pela prestação de serviços complexos (religiosos, médicos, escolares, etc) formando um tecido denso de relações formadas por essas funções historicamente urbanas. É nesse sentido que, no Brasil, cometemos o equívoco de considerar urbano qualquer aglomerado humano vivendo em traçados retilíneos que o diferenciem das moradias espalhadas na paisagem, características da zona rural. José Eli da Veiga, em seu livro *Cidades Imaginárias* aponta esses equívocos e constrói indicadores firmes para se caracterizar o que seja especificamente urbano (mínimo de população, densidade demográfica, pressão antrópica). Aplicados os indicadores de Eli da Veiga, Penedo não seria urbano no sentido técnico e típico do conceito.

E acho que nisso reside o seu maior encanto. A comunidade interessada no futuro turístico de Penedo, e portanto em seu desenvolvimento sustentável deveria exigir do poder público e dos responsáveis pelo seu planejamento, um projeto que não só conservasse, mas acentuasse suas características rurais, que em muitos momentos parecem prestes a submergir face à avalanche da modernidade que as ameaça.

Isso exige um planejamento contrário ao planejamento urbano – e deveria ser realizado sob a supervisão de ecólogos, antropólogos e sociólogos especializados em rural. Não acredito que seja fácil sua implementação porque o primeiro passo seria “desadensar” o núcleo urbanizado do centro comercial, tombar todas as árvores e vestígios de natureza existentes (inclusive e principalmente nos quintais), recusar qualquer proposta de construção em determinado raio a partir do centro da vila e só autorizar a construção de condomínios com temática rural, muito espaço verde e a distância rigidamente determinadas.

O núcleo da vila (lembrando “villages” inglesas), que no dizer dos estudiosos dos bairros rurais seria a “capital” do bairro rural, obedeceria a uma temática inspirada na colonização e a memória estaria para sempre preservada na paisagem.

Reflexões sobre o rural e o urbano:

Há dois equívocos que devem ser corrigidos em relação ao rural no Brasil, a saber:

1. Ainda se interpreta rural como agrícola, o que nem sempre é verdadeiro. Agricultura é produção de alimentos e embora se faça quase sempre no campo, hoje não é necessariamente assim. Basta pensar em alimentos hidropônicos e em todo o processo industrial da alimentação contemporânea.

Rural é organização do espaço e a consciência de um novo rural, onde se produz artesanato, geleias, turismo e até confecções é forte hoje na Europa. É possível, portanto, morar na zona rural sem ser agricultor ou criador de animais, apenas preservando o espaço amplo e a natureza que dele brota. O novo rural se abre portanto a um mundo de possibilidades – sendo a preservação da natureza, do ar puro e das águas correntes, os principais objetivos desse novo rural.

Aliás, o agrícola, quando transformado em agronegócio, destrói o verdadeiro rural e transforma o campo na desoladora paisagem que substitui o ecossistema.

O novo rural, portanto, de alguma forma recupera o antigo rural do campesinato que era multifuncional e baseado em intensa sociabilidade - o que exige certa proximidade (mas não adensamento) entre moradores.

2. O segundo equívoco em relação ao rural no Brasil é pensá-lo sempre como local de carências e de atraso. O rural, seria portanto, para a ideologia valorizadora do urbano, um local sem água encanada, saneamento básico, esgoto, coleta de lixo, escola, posto de saúde, etc. Numa certa versão do crime a brasileira, o poder público desampara a zona rural e depois chama seus habitantes de atrasados: a vítima torna-se réu.

Na verdade, é dever do Estado propiciar a todos os cidadãos brasileiros, todos os benefícios dos equipamentos erradamente chamados de urbanos, sem alterar o espaço para torná-lo urbano.

Penedo como novo paradigma para o rural

Ora, - manter Penedo como um distrito rural e assim denomina-lo, seria justamente criar um modelo – um novo paradigma de rural - para o país. Um rural já bastante beneficiado por equipamentos da cidadania (correio, escola, água encanada, coleta de lixo, posto de saúde) como deveria ser toda a zona rural e que não se caracterizaria por obrigatoriedade de ser agrícola. Um conceito de rural, como já ocorre na Europa (as “villages” inglesas por exemplo) que tem desenvolvido para sua sustentabilidade, o

conceito de capital simbólico ligado aos produtos artesanais ou turísticos ou outros quaisquer não poluidores. A ideia de capital simbólico – um conceito sociológico fundamental – reside no aproveitamento da memória e da História locais, bem como das lendas e mitos, para explicar a produção de alimentos típicos (bolos, licores, biscoitos, vinhos, cervejas, queijos, etc) agregando valor ao produto que se apresenta como único, original, puro, livre de aditivos e da pasteurização do sistema industrial. Um outro fator que acrescenta capital simbólico à produção desse novo rural é a paisagem que confere ao produto uma auréola de beleza e melhor sabor ligado ao verde, ao ar puro e à água cristalina do lugar. O carisma e as mãos abençoadas de homens e mulheres que vivem longe do estresse da sociedade industrial também atuam como capital simbólico.

Fico imaginando a riqueza de capital simbólico que se acumulou em Penedo. A figura carismática do colonizador Toivo, um visionário idealizando um paraíso tropical, tem que ser arrancada da memória puramente histórica para “frequentar” todos os ambientes. Toda a epopeia da colonização tem que ser divulgada aos turistas e visitantes em geral e dela devem ser extraídos todos os fatos que têm a ver com a paisagem (e todos tem obviamente). A paisagem, ah a paisagem! Nada é mais energético do que contemplar os picos da Mantiqueira nesta magnífica região! Quantas lendas indígenas! Quantas interpretações esotéricas! Quantos ângulos a explorar...

Há um capital simbólico já utilizado em Penedo de forma bastante inteligente. O das artes plásticas que “frequentam” hotéis e restaurantes. E é nesse ponto que Penedo dá uma grande contribuição ao rural. Longe de ser o espaço do atraso, o rural pode ser o “locus” privilegiado do intelectual, artista, escritor que sabe o valor da natureza e a necessidade de preservação. É para esse tipo de intelectual que Penedo deve ser preservado.

Mas para boa utilização do capital simbólico é preciso pesquisa. Consultar a memória das pessoas que aqui vivem, a memória da paisagem e caracterizar a natureza, suas imensas possibilidades e os impactos já sofridos, tudo isso é fundamental.

Há por conta desses impactos, muita coisa a ser restaurada, o que não me parece difícil. Os ecossistemas não voltam a ser o que eram, mas deixados livres de entulhos e detritos podem recompor em alguns pontos um “tecido” novo de verde enredando em novas teias de vida!